

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v15i25.614>

POR UMA HISTÓRIA INDÍGENA DE LONGA DURAÇÃO: cronologia das ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – MA^{1,2}

FOR A LONG-TERM INDIGENOUS HISTORY: chronology of pre-colonial human occupations on the Island of São Luís – MA

POR UNA HISTORIA INDÍGENA DE LARGA DURACIÓN: cronología de las ocupaciones humanas precoloniales en la Isla de São Luís - MA

ARKLEY MARQUES BANDEIRA

Doutor em Arqueologia (MAE-USP). Docente da Universidade Federal do Maranhão
São Luís, Maranhão Brasil.
arkleymbandeira@gmail.com

Resumo: O artigo sintetiza parte dos resultados obtidos na tese de doutorado do autor, que versou sobre os processos pré-coloniais relacionados à ocupação humana na Ilha de São Luís – MA, em sua longa duração. Será abordada a cronologia obtida na pesquisa, sobretudo as datas relacionadas com os diferentes momentos de ocupação dos sítios arqueológicos, a partir de uma perspectiva regional, diacrônica e inter sítio. A pesquisa centrou-se em métodos da Arqueologia para investigar cinco sítios arqueológicos, a saber: os sambaquis do Bacanga, Panaquatira e Paço do Lumiar e os sítios cerâmicos Vinhais Velho e Maiobinha I. Os resultados permitiram reconhecer os processos de formação do registro arqueológico, a espacialidade dos sítios e o contexto deposicional dos antigos assentamentos de diversos povos que ocuparam a Ilha de São Luís, desde 6.600 anos atrás, estendendo-se até os primeiros séculos do Brasil colonial.

Palavras-chave: Arqueologia. Cronologia. Ocupações humanas. Longa duração.

Abstract: The article synthesizes part of the results obtained in the doctoral thesis of the author, which dealt with the pre - colonial processes related to human occupation in the Island of São Luís – MA, in its long duration. It will be approached the chronology obtained in the research, especially the dates related to the different moments of occupation of the archaeological sites, from a regional, diachronic and inter-site perspective. The research focused on methods of Archeology to investigate five archaeological sites, namely the Bacanga's, Panaquatira's and Paço do Lumiar's shellmounds and the Vinhais Velho's and Maiobinha I's ceramic sites. The results allowed to recognize the processes of formation of the archaeological record, the spatiality of the sites and the depositional context of the ancient settlements of several peoples who occupied the Island of São Luís, from 6,600 years ago, extending to the first centuries of colonial Brazil.

Keywords: Archeology. Chronology. Human occupations. Long-term.

Resumen: El artículo sintetiza parte de los resultados obtenidos en la tesis de doctorado del autor, que versó sobre los procesos precoloniales relacionados a la ocupación humana en la Isla de São Luís - MA, en su larga duración. Se abordará la cronología obtenida en la investigación,

¹ Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2017 e aprovado para publicação em junho de 2018.

² Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2017 e aprovado para publicação em junho de 2018

sobre todo las fechas relacionadas con los diferentes momentos de ocupación de los sitios arqueológicos, a partir de una perspectiva regional, diacrónica e inter local. La investigación se centró en métodos de la Arqueología para investigar cinco sitios arqueológicos, a saber: los concheros del Bacanga, Panaquatira y Paço do Lumiar y los sitios cerámicos Vinhais Velho y Maiobinha I. Los resultados permitieron reconocer los procesos de formación del registro arqueológico, la espacialidad de los sitios y el contexto deposicional de los antiguos asentamientos de diversos pueblos que ocuparon la Isla de São Luís, desde 6.600 años atrás, extendiéndose hasta los primeros siglos del Brasil colonial.

Palabras clave: Arqueología. Cronología. Ocupaciones humanas. Larga duración.

Introdução

Este artigo sintetiza parte dos resultados obtidos na tese de doutorado do autor, desenvolvida entre os anos de 2008 a 2013³, que versou sobre os processos pré-coloniais relacionados à ocupação humana na Ilha de São Luís – MA, em sua longa duração. A pesquisa centrou-se em métodos da Arqueologia para investigar cinco sítios arqueológicos, a saber: os sambaquis⁴ do Bacanga, Panaquatira e Paço do Lumiar e os sítios cerâmicos Vinhais Velho e Maiobinha I.

Os estudos realizados desde 2005 objetivaram compreender o surgimento das primeiras ocupações humanas na Ilha de São Luís, tomando por base a existência de muitos sítios arqueológicos vinculados a distintos horizontes culturais e períodos de tempo. A fundamentação teórica abordou o conceito de arqueologia da paisagem, com vistas a subsidiar a compreensão da distribuição espacial dos sítios em uma escala regional; ao passo que a perspectiva metodológica centrou-se em escavações em amplas superfícies, com vistas a identificar e caracterizar o processo de formação do registro arqueológico, obter amostras para realização das datações e coletar artefatos cerâmicos para análise tecno-tipológica.

Outro aspecto que justificou a realização da pesquisa decorreu de muitas informações confusas que foram divulgadas na ampla mídia sobre o período de

³ BANDEIRA, Arkley Marques. *Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – MA*: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica. 2013. 1161f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2013.

⁴ O pesquisador André Prous definiu etimologicamente que a “palavra sambaqui seria derivada de tamba (marisco) e Ki (amontoamento) em Tupi”, sendo tais sítios obra da atuação humana, caracterizados pela presença maciça de conchas, carapaças de moluscos; em menor número, de restos de peixes e outros animais associados a instrumentos líticos e ósseos, objetos cerâmicos e esqueletos humanos, estruturas de habitação e fogueiras, formando colinas que podem alcançar mais de trinta metros de altura em algumas partes do Brasil. PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília-DF: Universidade de Brasília, 1992. p. 204.

ocupação inicial da Ilha de São Luís e do restante do Maranhão, com divulgações de datas em torno de 9 a 10 mil anos atrás, sobretudo, no período da descoberta do Sítio Vinhais Velho, no Recanto dos Vinhais.

Os resultados permitiram reconhecer os processos de formação do registro arqueológico, a espacialidade dos sítios e o contexto deposicional de diversas fases cerâmicas, com destaque para um tipo específico associado aos povos sambaquieiros, que foi denominado na literatura de *Mina*⁵. Além disso, foram identificadas ocupações humanas anteriores aos povos da Mina e posteriores a sua existência, com diferentes modos de vida, hábitos e tradições culturais.

Diante do exposto, a pesquisa estabeleceu o primeiro contexto espaço-temporal para as ocupações humanas existentes no Estado antes da chegada dos colonizadores europeus, período que foi caracterizado por uma diversidade de grupos humanos que ocuparam a Ilha de São Luís desde 6.600 anos atrás estendendo-se até os primeiros séculos do Brasil colonial. Esses grupos viviam em um ambiente um pouco diferente do atual, caracterizado por uma região marítima-estuarina-insular, mais chuvosa e com extensas florestas de manguezais, que propiciaram alta taxa de produtividade advinda dos ecossistemas aquáticos.

Esse artigo abordará a cronologia obtida na pesquisa em questão, sobretudo as datas relacionadas com os diferentes momentos de ocupação dos sítios arqueológicos, a partir de uma perspectiva regional, diacrônica e inter sítio.

Recorte espacial

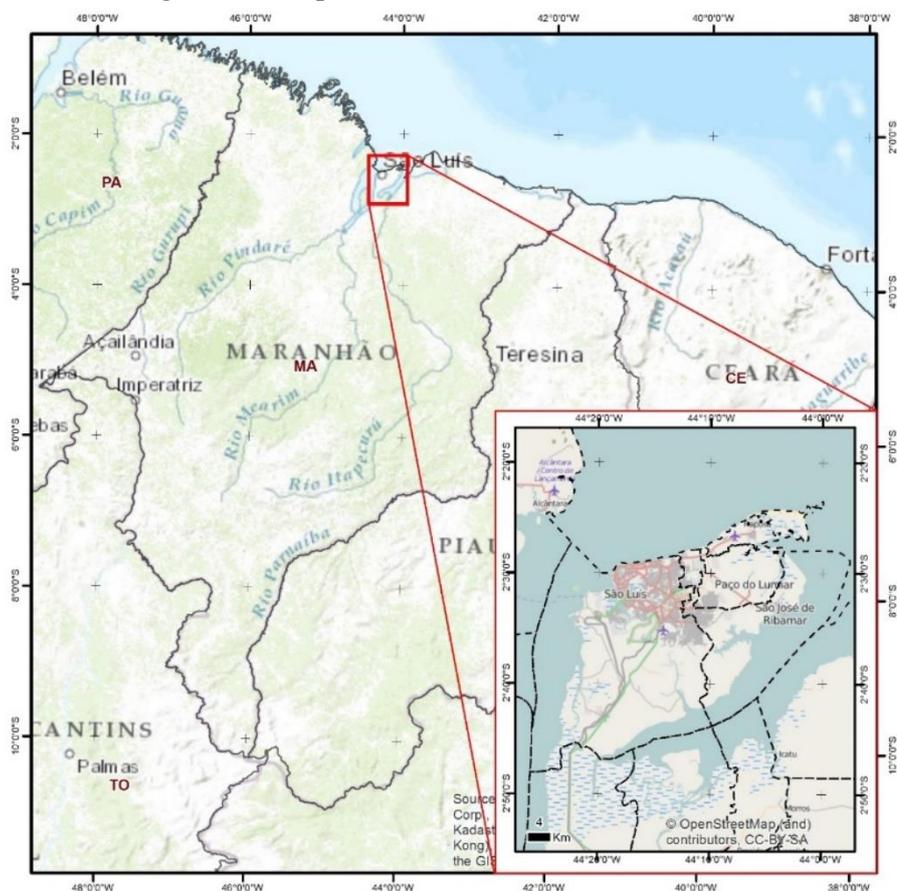
Os sítios selecionados para a pesquisa situam-se na Ilha de São Luís, também conhecida como Ilha Grande ou Ilha do Maranhão no período colonial e Ilha de *Upaon Açu* pelos Tupinambá dos séculos XIV e XVI. Em termos políticos, ela é

⁵ A Cerâmica Mina foi estabelecida por Mário Ferreira Simões, na década de 1960, a partir de dados obtidos em 62 sítios arqueológicos no Pará, dos quais, 43 eram sambaquis litorâneos; 3 eram sambaquis de gastrópodes fluviais e 16 eram sítios cerâmicos a céu aberto. O autor concluiu que a cerâmica Mina possuía correlações com outros complexos cerâmicos da América do Sul, a exemplo da Fase Alaka, Castália e Peripiri. Além disso, criou 5 fases arqueológicas para os sítios cerâmicos próximos ao litoral ou com supostas correlações culturais com a cerâmica Mina no Pará, a exemplo da própria fase Mina para alguns sambaquis cerâmicos, Uruá para os sambaquis com gastrópodes fluviais e Areião, Tucumã e Marudá para os sítios não sambaquis. SIMÕES, Mário Ferreira. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Nova Série*, Belém, n. 78, 1981.

composta por quatro municípios: São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa, com uma área de cerca de 831,7 km².

A região de estudo localiza-se ao norte do Maranhão, Nordeste do Brasil e limita-se ao norte com o Oceano Atlântico; ao sul, com a baía de São José e com o Estreito dos Mosquitos; a leste com a baía de São José e a oeste com a baía de São Marcos. Além disso, ocupa a parte central do Golfão Maranhense, separada do continente pelo estreito dos Mosquitos, que, conjuntamente com o estreito dos Coqueiros, comunica as massas aquosas da baía de São José/Arraial com as da baía de São Marcos⁶, sendo caracterizada como um grande e complexo sistema estuarino⁷, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Mapa da Ilha de São Luís – Maranhão.



⁶ SANTOS, J. H. S. et al. Características Geológicas e Geomorfológicas da Baía de São Marcos, Golfão Maranhense. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 4., 2004, São Luís. *Anais Eletrônicos...* São Luís, 2004. 5 p. 1 CD ROM.

⁷ IMESC. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. *Situação Ambiental da Ilha do Maranhão*. São Luís: IMESC, 2011.

Fonte: BANDEIRA. *Ocupações...* op. cit.

Na região são observadas formações de apicuns, baías, braços de mar, cordões arenosos, falésias, manguezais e praias, com a peculiaridade de apresentar amplitude de marés, que alcançam até 7,2 m de altura, causando grande penetração de água salgada nos leitos dos rios que deságuam no Golfão Maranhense.

Considerando a paleopaisagem, essa região estuarina, segundo Kowsmann e outros⁸, deve ter surgido na última transgressão marinha, entre 15 mil e 7 mil anos antes do presente, havendo uma rápida ascensão do nível do mar, interrompida por episódios de estabilização de curta duração.

Essa informação é descrita por Suguio⁹, que verificou que a partir de 15 mil anos antes do presente os volumes das águas oceânicas sofreram um brusco acréscimo, mas a partir de 7 mil anos atrás houve pequena variação. No Pleistoceno, seguiu-se uma maior regressão marinha, originando uma nova configuração das baías de São Marcos e de São José e o surgimento da Ilha de São Luís, deixando como testemunho no continente a planície flúvio-marinha de Perizes.

No final do Pleistoceno ocorreu novo soerguimento de menor intensidade e uma moderada transgressão marinha, responsável pela redefinição da morfologia do Golfão Maranhense, que, para Ab'Sáber¹⁰, coincide com a expansão das florestas de mangues. Durante o regresso das águas no *optimum climático*, entre 6.000 a 5.500 anos atrás, o nível do mar alcançou alguns metros acima do atual até se estabilizar.

É nesse cenário que ocorreram as primeiras ocupações humanas na Ilha de São Luís, com a presença humana mais antiga datada entre 6.600 a 5.500 anos atrás. A evidência desses povos está materializada em documentos vestigiais acessíveis aos arqueólogos, a exemplo dos sítios e a cultura material associada.

As escavações arqueológicas

⁸ KOWSMANN, R. O. et al. *Modelo de sedimentação holocênica na Plataforma Continental sul Brasileira*. Rio de Janeiro: REMAC, PETROBRÁS, CENPES, DINTEP, 1977.

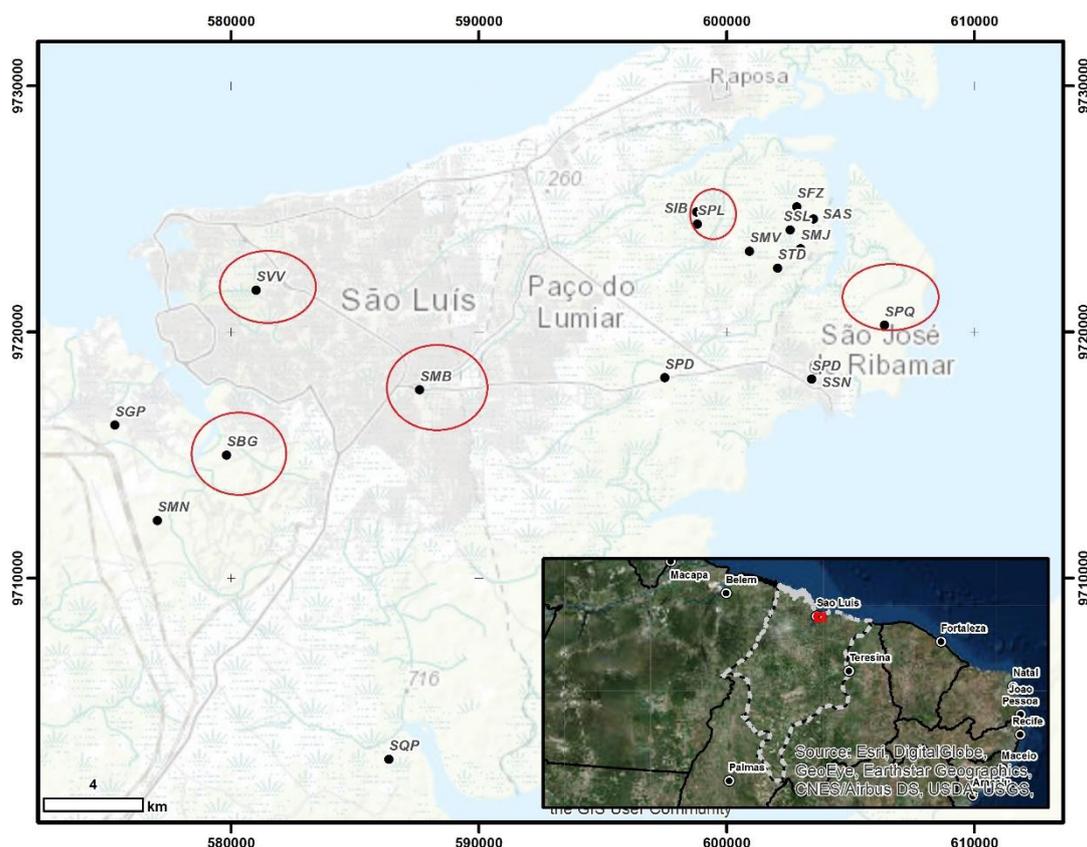
⁹ SUGUIO, Kenitiro. *Geologia do Quaternário e mudanças ambientais: passado+presente=futuro?* São Paulo: Paulos's Comunicação e Artes Gráficas, 1999.

¹⁰ Ab'SABER, Aziz Nacib. Contribuição a geomorfologia do estado do Maranhão. *Notícia Geomorfológica*, Campinas: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, Departamento de Geografia-UNICAMP, n. 5, ano 3, 1960. Id. *Litoral brasileiro*. São Paulo: Metalivros, 2003.

Pesquisas recentes vêm apontando a presença de mais de 100 sítios arqueológicos na Ilha de São Luís¹¹, contudo, oficialmente são conhecidos na base de dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) apenas 25 sítios (12 em São Luís; 9 em São José de Ribamar e 5 em Paço do Lumiar).

Dentre esses, as escavações arqueológicas deram-se nos assentamentos mais preservados e que possibilitaram fornecer os elementos empíricos para a construção do conhecimento sobre os objetivos propostos na pesquisa, bem como favorecessem uma ampla visão regional da Ilha de São Luís, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – Mapa de localização dos sítios arqueológicos escavados: SBG – Sambaqui do Bacanga; SPQ – Sambaqui da Panaquatira; SPL – Sambaqui do Paço do Lumiar; SVV – Sítio Vinhais Velho e SMB – Sítio Maiobinha.



¹¹ BANDEIRA, Arkley Marques. Distribuição espacial dos sítios Tupi na Ilha de São Luís, Maranhão. *Cadernos do LEPAARQ*, Pelotas, v. 12, n. 24, p. 60-96, jul./dez. 2015; Id. A cerâmica Mina no Maranhão. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto, JAIMES, Carla (Org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN, 2016. p. 147-157; Id. Um novo horizonte cerâmico no Golfão Maranhense – Ilha de São Luís – MA. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p.14-53, jul./dez. 2017.

Fonte: BANDEIRA. *Ocupações...* op. cit.

As escavações possibilitaram coletar material arqueológico que permitiram identificar distintos horizontes de ocupação da Ilha de São Luís e coletar materiais para datação, conforme descrito a seguir.

Sambaqui do Bacanga

O sambaqui do Bacanga localiza-se no Parque Estadual do Bacanga, inserido na região norte do Estado do Maranhão, ocupando a área centro-oeste da Ilha de São Luís e parte da zona central do município de São Luís. A UTM no topo do sítio é 23M 579829/9714944, com elevação de 24 m acima do nível do mar. O sítio possui a extensão estimada em 683 m².

A cronologia do sítio foi obtida a partir da datação de materiais arqueológicos escavados em vários setores, com destaque para a Área de Superfície Ampla, com pacote arqueológico ocorrendo até 76 cm de profundidade e o Perfil 1, com pacote chegando a quase 2 m, conforme detalhado a seguir:

- Os níveis escavados que corresponderam ao pacote arqueológico deram-se entre a superfície até 2 m de profundidade, com material arqueológico ocorrendo até 1,90 m de profundidade;
- As recorrências e particularidades das camadas evidenciadas, levando-se em consideração as características da cultura material permitiram identificar 3 (três) momentos distintos de ocupação humana na área do Sambaqui do Bacanga;
- As 3 (três) ocupações humanas do sítio foram datadas e serão descritas no decorrer desse artigo.

Figura 3 – Foto da escavação do Sambaqui do Bacanga.

Figura 4 – Foto da coleta de carvão de fogueira para datação.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Sambaqui da Panaquatira

O Sambaqui da Panaquatira localiza-se no povoado de Itapari, na praia de Panaquatira, em São José de Ribamar, porção leste da Ilha de São Luís, nas proximidades da baía de São José. A UTM do sítio é 23M 0606517/9720231, com elevação de 34 m acima do nível do mar. A área efetiva do sítio, se considerarmos a ocorrência de material arqueológico, o sambaqui, as camboas de pedra e as ocorrências cerâmicas dispersas pela região totalizam quase 350 ha. No entanto, a área trabalhada limitou-se a 5.312 m² de área.

A cronologia do sítio foi obtida a partir da datação de materiais arqueológicos escavados em três vários setores, com destaque para o Perfil 1, com pacote arqueológico ocorrendo até 2,60 m de profundidade, conforme detalhado a seguir:

- Os níveis escavados que corresponderam ao pacote arqueológico estenderam-se da superfície até 2,58 m de profundidade;
- A camada estéril do sítio ocorreu em torno de 2,60 m de profundidade, correlacionada com a presença de sedimento areno-siltoso de coloração castanho-claro;
- As recorrências e as particularidades das camadas evidenciadas, levando-se em consideração as características do registro arqueológico permitiram identificar 3 (três) momentos distintos de ocupação humana;

- As 3 (três) ocupações humanas do sítio foram datadas e serão descritas no decorrer desse artigo.

Figura 5 – Foto da escavação do Perfil 1 com cerca de 2,60 m de profundidade



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Figura 6 - Foto da Evidenciação de um sepultamento humano, onde foi coletado material para datação.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Sambaqui do Paço do Lumiar

O Sambaqui do Paço do Lumiar localiza-se no município homônimo, no povoado de Iguaíba, a nordeste da Ilha de São Luís. A UTM do sítio é 23M 598860/9724342, com elevação de 20 m acima do nível do mar e extensão estimada em 4.000 m².

A cronologia do sítio foi obtida a partir da datação de materiais arqueológicos escavados em dois setores, com destaque para a área de escavação 1, que chegou até 1,5 m de profundidade, conforme detalhado a seguir:

- Os níveis escavados que corresponderam ao pacote arqueológico ocorreram entre 20 cm até 1,5 m de profundidade;
- As recorrências e particularidades das camadas evidenciadas, levando-se em consideração as características do registro arqueológico, permitiram identificar 3 (três) momentos distintos de ocupação humana;
- As 3 (três) ocupações humanas do sítio foram datadas e serão descritas no decorrer desse artigo.

Figura 7 – Foto da escavação de uma coluna para retirada de material para

Figura 8 – Foto de um sepultamento onde foi coletado material para datação.

datação.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Sítio Vinhais Velho

O sítio arqueológico Vinhais Velho localiza-se no bairro do Recanto dos Vinhais, na zona urbana de São Luís, porção noroeste da Ilha de São Luís, às margens do rio Anil. A UTM do sítio foi 23M 581256/9721266, com elevação entre 14 e 19 m de altura e dimensão aproximada de 28.000 m².

Considerando todas as Unidades de Escavação trabalhadas no Vinhais Velho, as camadas arqueológicas ocorreram entre a superfície e 1,80 m de profundidade, nas quais foram coletados materiais para datação, conforme descrito a seguir:

- As características das camadas escavadas, a partir da formação do registro arqueológico, composição do pacote sedimentar, ocorrência da cultura material e constatação de eventos pós-deposicionais permitiram identificar 2 (duas) macrocamadas e 2 (duas) feições no sítio;
- A camada estéril das Unidades de Escavação I e II deu-se a partir dos 110 cm de profundidade, correlacionada com a inexistência de material arqueológico e a ocorrência de sedimento marrom alaranjado (10YR 5/8) sem concreções lateríticas. Ao passo que das Unidades III e IV deu-se a 1,80 m de profundidade.
- As recorrências e as particularidades das camadas evidenciadas, levando-se em consideração as características dos níveis escavados e suas correlações com o registro arqueológico, permitiram identificar 5 (cinco) momentos distintos de ocupação humana, que serão descritos no decorrer desse artigo.

Figura 9 – Foto do perfil com camada de concha da ocupação sambaqueira, onde foi retirado material para datação.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Figura 10 – Foto do bloco de fogueira com a presença de carvão coletado para datação.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Sítio Maiobinha I

O Sítio Maiobinha I localiza-se no bairro da Maiobinha/Forquilha, zona urbana de São Luís, porção central da Ilha de São Luís, às margens do igarapé Paciência, nas proximidades do antigo aprendizado agrícola. A UTM do sítio foi 23M 587621/9717504, com elevação de 36 m acima do nível do mar.

Foram realizadas 4 (quatro) campanhas de escavação e considerando as características do pacote arqueológico, os vestígios estiveram presentes desde a superfície até 90 cm de profundidade, conforme detalhado a seguir:

- Os níveis escavados que corresponderam ao pacote arqueológico deram-se entre a superfície até 90 cm de profundidade, com camada estéril ocorrendo a partir dessa profundidade;
- As recorrências e as particularidades das camadas evidenciadas, levando-se em consideração as características dos níveis escavados e suas correlações com o registro arqueológico, permitiram identificar 3 (três) momentos distintos de ocupação humana, que serão descritos no decorrer desse artigo.

Figura 11 – Foto da escavação arqueológica do Sítio Maiobinha I.

Figura 12 – Foto do perfil e da profundidade do material coletado para

datação.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Cronologia

Segundo Bicho¹², o tempo é um dos principais componentes que estruturam o conhecimento arqueológico. Os aspectos temporais, associados com os elementos espaciais, correlacionados com as evidências humanas formam em conjunto o que conhecemos como contexto arqueológico.

A contagem do tempo para fins arqueológicos tem se desenvolvido bastante ao longo da história da disciplina, fundamentalmente pelo avanço de outras áreas do conhecimento, sobretudo a física e a química. Segundo Renfrew e Bahn¹³, a maior parte dos sistemas humanos para medição do tempo é calculada em anos. Portanto, o estabelecimento de datas marca um momento concreto de tempo. Nas sociedades cristãs, o marco temporal ocorre a partir do nascimento de Cristo. Portanto, as datas são acrescidas de *Antes* ou *Depois de Cristo* (AC ou DC). A arqueologia também usa o marco temporal cristão, contudo, após o estabelecimento dos métodos precisos de datação dos materiais, outros parâmetros para identificação das datas foram incorporados, a exemplo de *Antes do Presente* (AP)¹⁴.

¹² BICHO, Nuno Ferreira. *Manual de arqueologia pré-histórica*. Lisboa: Edições 70, 2006.

¹³ RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Arqueologia: teoria, métodos e prática*. Madri: Edições Akal, 1993.

¹⁴ O presente na arqueologia não seria os dias atuais, mas o ano de 1950, quando o cientista americano Willard Libby refinou o método de datação radiativa, a partir do carbono, criando a datação radiocarbônica. A base deste método nasceu no âmbito da Segunda Guerra Mundial, quando os primeiros modelos para se medir o relógio radioativo dos elementos orgânicos foram criados. O princípio é relativamente simples e considera o fenômeno natural de desintegração radioativa.

Existem dois métodos para medição do tempo em arqueologia chamados de datação relativa e datação absoluta.

O primeiro e mais consagrado, denominamos de datação relativa e remonta às seriações e estudos tipológicos escandinavos dos primórdios da disciplina, cujo marco temporal era o tempo bíblico. O cerne da datação relativa considera a disposição vertical dos materiais arqueológicos nas camadas que formam os sítios arqueológicos. Ele é baseado em umas das leis da geologia, chamada de sobreposição estratigráfica, que compreende que os materiais quando soterrados, os mais profundos são mais antigos do que aqueles que os recobrem.

A datação relativa, como o próprio nome já diz, não possui precisão matemática e a sua utilização serve para ordenar as sequências culturais em assentamentos humanos com múltiplas ocupações e as possíveis sucessões de eventos em um sítio.

O segundo método é denominado de datação absoluta e vem ganhando grande aceitação entre os arqueólogos, devido à sua fiabilidade está pautada em análise de processos físicos e geofísicos de elementos orgânicos e inorgânicos. Os métodos de base radiocarbônica são aplicados em vestígios orgânicos, a exemplo de carvão, ossos, palha, sementes, conchas, madeira, pele, dente, cabelo, dentre outros, e cobre um período relativamente curto, de até 40 mil anos.

Ele consiste em avaliar e medir a desintegração do carbono, que ocorre em um ritmo igual e constante devido à sua produção contínua pela radiação cósmica. Logo, a transmissão de radiocarbono é feita uniformemente a todos os seres vivos, através do dióxido de carbono. As plantas os absorvem durante a fotossíntese, que são consumidas pelos animais herbívoros e onívoros, que servem de alimento para os animais carnívoros. Após a morte do organismo a absorção de Carbono 14 é interrompida e sua concentração começa a decair.

Portanto, o cerne do método de datação do Carbono 14 consiste em calcular a idade de um elemento orgânico, com base na quantidade de perda de radiocarbono da amostra. Foi então que Libby desenvolveu um método preciso de medição das partículas beta, que são emitidas quando o átomo de C^{14} é desintegrado, obtendo a data segura de quando o organismo perdeu a vida.

Este método deu origem a outros mais refinados, a exemplo da *Absorção de CO² para estabelecimento de Carbono 14* e o *Acelerador de Espectrometria de Massa* (AMS). Neste último, o conteúdo de carbono 14 é diretamente medido em relação ao carbono 12 e carbono 13 presentes, não sendo contadas as partículas beta, mas o número de átomos de carbono presentes na amostra e a proporção dos isótopos, sendo possível realizá-lo em pequenas amostras.

Outros métodos foram desenvolvidos para datar vestígios inorgânicos, como os instrumentos feitos em rocha e cerâmica, a exemplo da *Termoluminescência* (TL) e *Luminescência Opticamente Estimulada* (LOE). Eles são baseados em aspectos geocronológicos para datação de fenômenos ou processos geológicos ocorridos há milhares de anos, usando-se para a análise as propriedades termoluminescentes de minerais como quartzo e carbonatos de solos e sedimentos que já foram expostos à luz solar ou aquecimento e depois foram soterrados.

A sua importância reside em obter dados cronológicos de longa duração, alcançando um relógio temporal ainda maior do que os radiocarbônicos. A base do método consiste na assertiva de que os elementos minerais sofrem bombardeio dos raios cósmicos e carregam-se de radioatividade. Estes minerais apresentam defeitos e impurezas cristalinos que armadilham progressivamente as emissões do decaimento radioativo de isótopos de Potássio (K), Urânio (U), Tório (Th) e Rubídio (Rb) dos sedimentos e também da radiação cósmica a que foram expostos anteriormente.

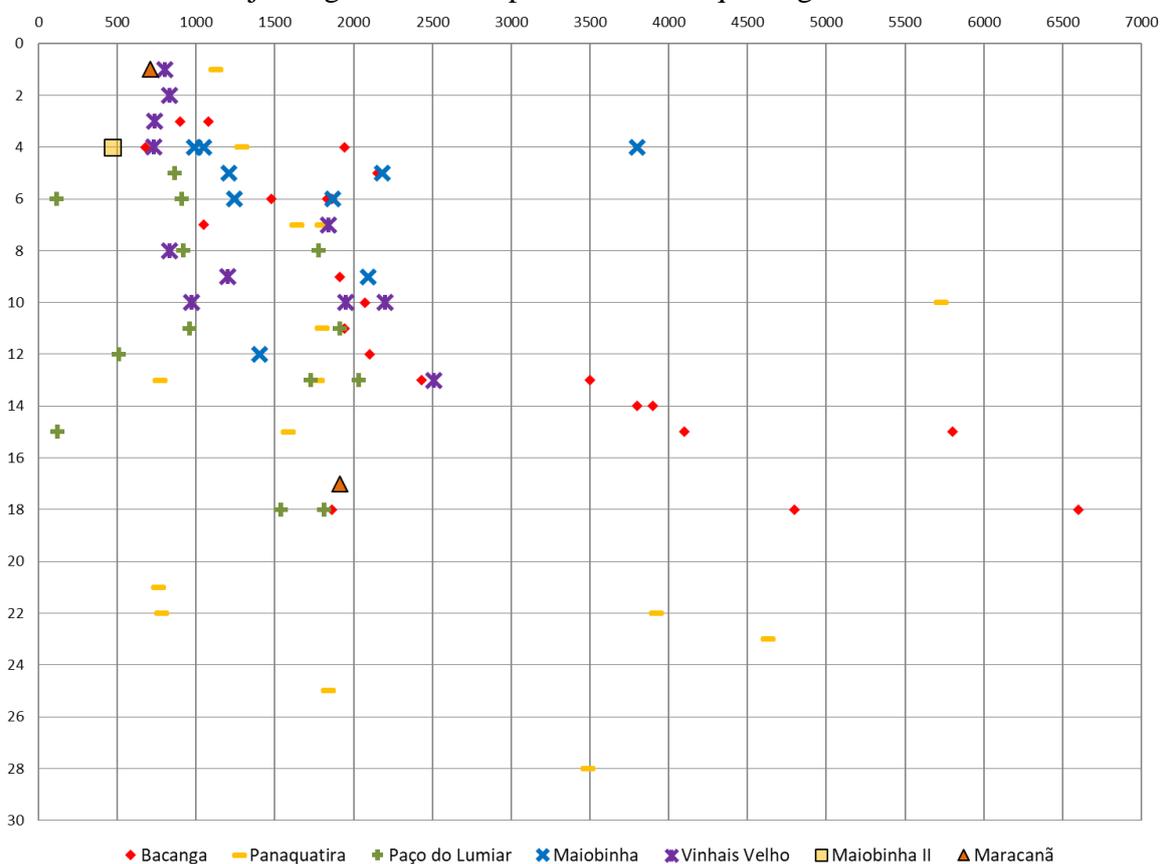
A exposição à luz solar ou ao forte aquecimento zeram este relógio, que é medido por técnicas sofisticadas de irradiação e de aquecimento da amostra, medindo-se a intensidade de luz (termoluminescente) emitida no processo, permitindo quantificar o tempo em que o “relógio” ficou enterrado.

Na pesquisa em questão foram empregados três métodos de datação, submetidos em amostras variadas, que resultaram em 73 (setenta e três) datas distribuídas pelos cinco sítios. As amostras foram enviadas para laboratórios do Brasil e EUA, que realizaram testes de *Absorção de CO₂ para estabelecimento de Carbono 14* (C¹⁴), realizado no Instituto de Radioproteção e Dosimetria, Comissão Nacional de Energia Nuclear – RJ para datação das valvas de conchas; *Termoluminescência e Luminescência Opticamente Estimulada* (TL/LOE), realizado no Laboratório de Vidros e Datações da FATEC – SP para datação das amostras de cerâmica e sedimentos e

Acelerador de Espectrometria de Massa (AMS), realizado no Beta Analytic – Miami – EUA e no LACUFF, da Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro, para datação das amostras de carvão, ossos humanos e concha¹⁵.

Os resultados obtidos estão ilustrados no Gráfico 1, de dispersão das datas por sítios arqueológicos, que indica que a ocupação inicial da Ilha de São Luís está estabelecida entre dois conjuntos de datas, sendo o primeiro e mais antigo situado entre 6.600 anos até 3.500 anos Antes do Presente; e o segundo horizonte estabelecido entre 2.500 anos até 760 anos AP, com um hiato sem datas ocorrendo entre 3.500 a 2.500 anos AP.

Gráfico 1 – Conjunto geral de datas para os sítios arqueológicos na Ilha de São Luís.



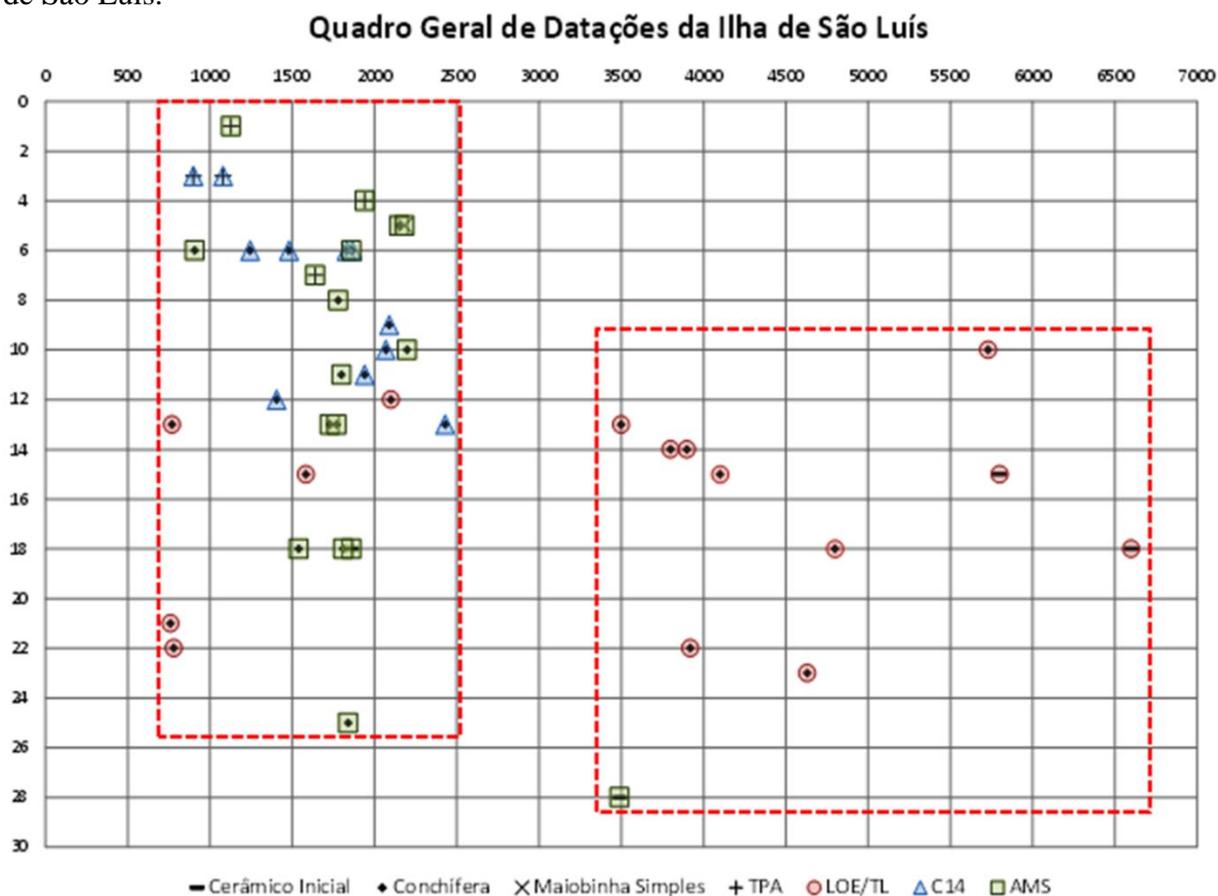
Fonte: BANDEIRA. *Ocupações...* op. cit.

A ausência de idades no intervalo de mil anos pode corresponder a um momento de abandono da Ilha de São Luís pelos grupos humanos. Contudo, esse aspecto deverá ser mais bem explicado, pois no registro arqueológico não foram

¹⁵ Para fins deste artigo, apresentaremos outras datações obtidas para os sítios arqueológicos Maiobinha II e Maracanã, que não foram estudados na Tese do autor. BANDEIRA. *Ocupações...* op. cit.

observados períodos de abandono dos assentamentos. Além disso, possíveis indícios dessa desocupação, como a ausência de materiais arqueológicos nas camadas ou eventos pós-deposicionais que pudessem ter destruído as evidências, não foram constatados nas escavações, conforme demonstrado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Conjuntos de datas delimitando os dois principais momentos de ocupação da Ilha de São Luís.



Fonte: BANDEIRA. *Ocupações...* op. cit.

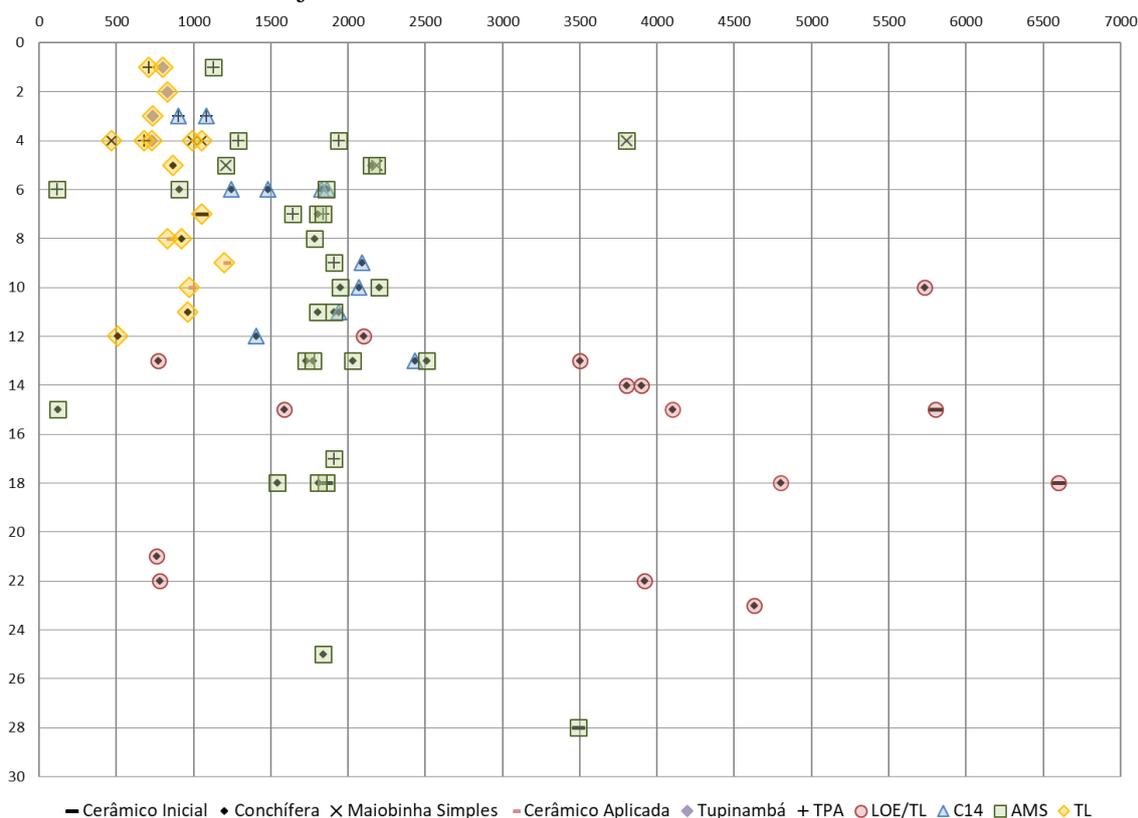
Considerando a cronologia relacionada com as possíveis ocupações humanas na Ilha de São Luís ao longo de 6.600 anos, foram identificados quatro horizontes culturais em período anterior à colonização europeia, a exemplo do cerâmico inicial pré-sambaqueiro; ocupação conchífera/sambaqueira; ocupação com traços amazônicos em terra preta/Cerâmica aplicada e ocupação Prototupi/Maiobinha simples.

Ao passo que no período de contato com o colonizador europeu, entre os séculos XVII e XVIII, foram constatados vestígios de povos Tupinambá fugindo da

frente de colonização litorânea do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, além de grupos indígenas já contatados em outras frentes de expansão colonial.

A distribuição das datações por horizonte cultural nos sítios arqueológicos é ilustrada no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Conjunto de datas dos horizontes culturais na Ilha de São Luís.



Fonte: BANDEIRA. *Ocupações...* op. cit.

Conforme demonstrado, a primeira ocupação humana constatada na Ilha de São Luís foi descoberta no Sambaqui do Bacanga. Trata-se de um horizonte ceramista pré-sambaquieiro depositado em níveis profundos, datado de 6.600 anos antes do presente. Em torno de 5.800 anos, um segundo grupo humano ocupou a região, apresentando um modo de vida baseado na exploração de recursos aquáticos, a exemplo da coleta de conchas, mariscos e peixes. Esse grupo foi denominado de sambaquieiro por concentrar na área de moradia grande quantidade de carapaças de moluscos e outros elementos.

Em torno de 1.900 anos atrás, esse grupo começou a entrar em decadência, sendo que ao redor de 1.200 anos atrás, a Ilha de São Luís é ocupada por outros povos

que já dominavam a agricultura e produziam cerâmicas e outros objetos associados ao cultivo. Nas áreas de moradia e roça grandes manchas de terra preta testemunharam esse novo modo de vida, possivelmente herdado de grupos humanos advindos da floresta tropical amazônica.

Entre 700 e 600 anos antes do presente, a Ilha de São Luís passa por uma leva colonizadora de povos ancestrais das populações de língua Tupi, possivelmente vindos da Amazônia pelo litoral e pelos cursos dos rios. Esses grupos também apresentaram um modo de vida agricultor, complementado pela pesca e coleta.

Para o período de contato e histórico, referente ao início da presença europeia na Ilha de São Luís, datações apontam que entre os séculos XVI, XVII, povos Tupinambá ocupavam boa parte da Ilha de São Luís, conforme a existência de grande quantidade de sítios já evidenciada por Bandeira¹⁶.

As datações de componentes culturais mais tardios são dificultadas pela pouca preservação de materiais passíveis de datação em extratos pouco profundos. Bandeira¹⁷ obteve datas para o Sítio Santo Antônio, ocupado por grupos Tupinambá, situadas no século XVI, em torno de 510 ± 65 AD, correspondendo ao ano de 1505 e o seu abandono em torno de 470 ± 60 AD, correspondendo ao ano de 1545 (TL - FATEC-3811 e 3830).

Em artigo recente, Panachuk¹⁸ também identificou a presença de cerâmica Tupiguarani em vários sítios da baía de São José, com destaque para o Itapera, que apresentou duas datações radiocarbônicas que se estendem entre o século XV até o XIX (1480 a 1650 AD; 1660 a 1890 AD e 1910 a 1950 AD).

Somam-se a isso datações ainda mais recentes para horizontes indígenas no período de contato, ou mesmo associadas a grupos caboclos ainda produtores de cerâmica em torno de 200 anos atrás, conforme observado em sítios de Paço Lumiar e São José de Ribamar.

Conforme exposto, a cronologia da Ilha de São Luís demonstra que muitos grupos humanos de horizontes culturais diferenciados tiveram contatos entre si em

¹⁶ BANDEIRA, A. M. Pesquisa arqueológica no sítio Santo Antônio, em São José e Ribamar – MA. *Revista Tarairiú*, Campina Grande, v. 1, n. 10, p. 26 - 49, ago./dez. 2015.

¹⁷ Ibid.

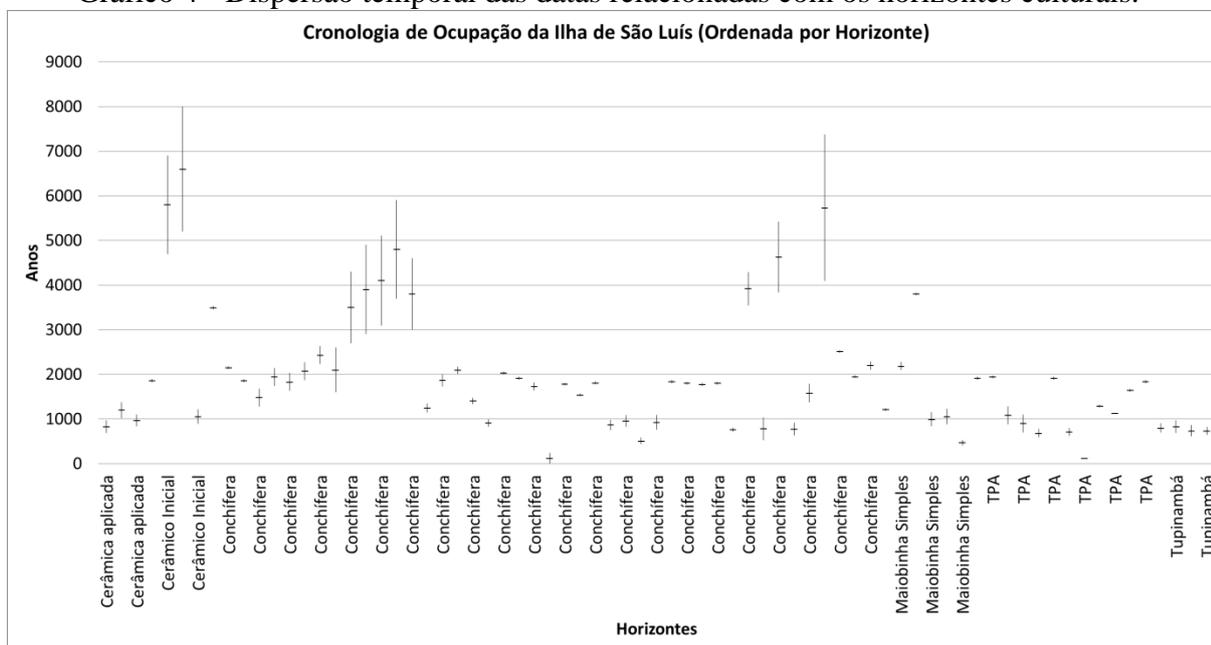
¹⁸ PANACHUK, L. A diversidade das coisas: modos de expressão na cerâmica Tupiguarani da Ilha de São Luís e arredores, Maranhão/Brasil. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p.14-53, jul./dez. 2017.

diferentes momentos da história, sendo ainda prematuro afirmar se tais contatos deram-se de forma pacífica, com casamentos e trocas ou por meio de conflitos e luta por território.

De todo modo, alguns povos apresentaram ampla dispersão temporal, chegando a escalas de milênios, a exemplo da população sambaqueira, que chegou à região em torno de 5.800 anos atrás e permaneceu ocupando até o ano 1.000, coincidindo com a chegada de outros povos vindos da Amazônia. Da mesma forma, outras ocupações mais tardias foram bruscamente interrompidas com a chegada dos europeus, no século XVI e XVII, a exemplo dos grupos de língua Tupi, que ocuparam a região por menos de 400 anos.

O Gráfico 4 apresenta a dispersão temporal das datas relacionadas com os principais horizontes de ocupação da Ilha de São Luís, considerando as idades máximas e mínimas obtidas nas datações.

Gráfico 4 - Dispersão temporal das datas relacionadas com os horizontes culturais.



- Horizonte ceramista pré-sambaquieiro
- Horizonte ceramista sambaquieiro associado à tradição Mina
- Horizonte ceramista Maiobinha simples
- Horizonte ceramista associada à terra preta arqueológica
- Horizonte ceramista Tupinambá
- Horizonte ceramista de contato
- Horizonte ceramista do período histórico

Considerando o recorte temporal apresentando nesse artigo, serão abordados os seguintes horizontes: ceramista pré-sambaquieiro, ceramista sambaquieiro associado à tradição Mina, ceramista Maiobinha simples, ceramista associada à terra preta arqueológica e ceramista ProtoTupi/Tupinambá.

Horizonte ceramista pré-sambaquieiro

Os primeiros indícios de uma ocupação ceramista pré-sambaquieira surgiram na escavação do Sambaqui do Bacanga, com recorrência um pouco mais tardia em outros sítios, a exemplo dos sambaquis do Panaquatira e Paço do Lumiar. Os elementos definidores desse horizonte cultural associam-se a ausência de conchas e demais restos alimentares como formadores do pacote arqueológico e a presença de uma cerâmica de tons avermelhados, com vasilhas pequenas e abertas.

Houve certa diferenciação desse período em relação ao uso do território. No Sambaqui do Bacanga, essa ocupação humana estava sobre latossolo areno-argiloso alaranjado com nódulos de laterita; no Sambaqui de Panaquatira, ela associava-se a uma paleoduna pleistocênica, e no Sambaqui Paço do Lumiar, ocorria em sedimento arenoso, provavelmente depositado na região pela dinâmica pluvial e eólica.

Um traço comum a todos os sítios estudados deveu-se ao fato que os primeiros povos que povoaram a Ilha de São Luís, em torno de 6.600 anos atrás, desapareceram após a chegada de outros grupos humanos, em torno de 5.800 anos atrás, a julgar pela reocupação das mesmas áreas por povos que acumulavam na área de moradia grande quantidade de restos alimentares, carapaças de moluscos, ossos de

animais, restos de fogueiras, estruturas de residências, que deram origem aos sambaquis.

As características tipológicas da cerâmica também se diferenciaram entre os demais conjuntos cerâmicos subsequentes, apresentando majoritariamente queima oxidante, antiplástico mineral, paredes finas (0,5 cm a 1 cm), tamanho pequeno (entre 10 a 15 cm de diâmetro de boca), formas com contorno simples e rasas, com borda extrovertida, tratamento de superfície polido e decoração incisa.

Figura 13 – Foto da camada correspondente ao período de ocupação ceramista pré-sambaqueiro.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Figura 14 – Foto de artefato cerâmico plano, possivelmente utilizado como base para amassar ou servir alimento.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Horizonte ceramista sambaqueiro

Até o momento é o período de ocupação mais bem conhecido e com a maior amplitude temporal de toda a Ilha de São Luís, com as ocupações sambaqueiras estabelecendo-se entre 5.800 e 5.000 anos AP, conforme datações obtidas nos sambaquis do Bacanga e Panaquatira, alcançando um ápice ocupacional entre 2.500 a 2.000 anos atrás, quando ocuparam quase toda a Ilha, a exemplo dos sambaquis da Maiobinha, Pindaí, Iguaíba, Tendal, Marval, Pau Deitado, Sarnambi, Paço do Lumiar e Vinhais Velho.

O elemento comum à ocupação ceramista sambaqueira foi a presença maciça de carapaças de moluscos, ossos de peixes, mamíferos, aves e répteis, bem como carvão, sementes, coquinhos compondo a camada arqueológica. Neste contexto, o

acúmulo intencional de materiais atuou como uma estratégia para construção de montículos, onde foram evidenciadas estruturas de fogueira, moradias, restos de objetos, a exemplo de fragmentos cerâmicos, material lítico, artefatos em ossos e conchas e alguns sepultamentos humanos.

As camadas correspondentes ao período sambaquieiro variaram bastante a depender do sítio. Tal questão pode associar-se ao tempo de ocupação da área, densidade populacional e tamanho do sítio. Os montículos mais altos foram identificados no Sambaqui do Panaquatira, que alcançaram mais de 3 m de altura. Contudo, a média de altura oscilou entre 2 a 1,8 m, conforme observado nos sambaquis do Bacanga, Paço do Lumiar e Maiobinha.

Outra característica marcante desses povos foi o uso da concha em diversos estados (triturada, calcinada, calcinada e moída, pós de concha) como tempero para elaboração dos recipientes cerâmicos. Os vasos cerâmicos também se diferenciaram entre os outros conjuntos, apresentando queima redutora, paredes grossas (entre 3 e 5 cm), tamanho médio a grande (entre 25 a 30 cm de diâmetro de boca), formas com contorno simples e vasilhas profundas e tratamento de superfície externo com ênfase no escovado e espatulado e interno com alisamento e polimento.

Figura 15 – Foto da camada correspondente ao período de ocupação ceramista sambaquieiro.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Figura 16 – Foto de artefato cerâmico arredondado utilizado para cozinhar alimentos.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Horizonte ceramista Maiobinha simples

Esse horizonte foi bem representado nos sítios Maiobinha I, Maiobinha II e Vinhais Velho, sendo um dos menos conhecidos da Ilha de São Luís. Ele está datado em torno de 2.198 anos AP, estende-se até 1.900 anos AP. É bem provável que esses grupos tenham tido contato com os povos sambaquieiros e os grupos ceramistas com cerâmica incisa, visto que as datas de ocupação dos sítios ocorrem no momento final dos sambaquis e coincide com a chegada de novos grupos agricultores da Amazônia.

O elemento característico desta ocupação foi uma cerâmica bem simples, com reforço na borda, com pouca decoração incisa, sem variação na forma e no tratamento de superfície. Além disso, a densidade do material arqueológico foi muita baixa, sendo observados fragmentos cerâmicos, material lítico e carvão.

As características tipológicas da cerâmica também se diferenciaram entre os demais conjuntos cerâmicos, apresentando paredes com espessura média (3 cm a 5 cm), tamanho pequeno (entre 10 a 15 cm de diâmetro de boca), formas com contorno simples e rasas.

Figura 17 – Foto de fragmento de borda cerâmica sem decoração.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Figura 18 – Foto de fragmento de base cerâmica com características arredondadas.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Horizonte ceramista associado à terra preta arqueológica

O Horizonte ceramista associado à terra preta arqueológica ocorreu por quase toda a Ilha de São Luís, com um período inicial em torno de 1.900 anos AP. Tais povos, a julgar pelas características da cerâmica e por apresentarem um modo de vida baseado na agricultura da mandioca, provavelmente chegaram à região pelo litoral ou navegando nos cursos dos rios Tocantins, Pindaré e Mearim. É a ocupação com maior amplitude espacial da Ilha de São Luís e a segunda em amplitude temporal, estendendo-

se até cerca de 700 a 680 anos AP, quando toda a região é ocupada por grupos Prototupi, também vindos da Amazônia.

O elemento mais diagnóstico desse horizonte cultural foi a presença de terra preta compondo as camadas dos sítios, associada à grande quantidade de cerâmica com decoração plástica, além de instrumentos em rocha polidos, como machados, mão de pilão e almofarizes, denotando um modo de vida agricultor. A própria formação das terras, que por vezes apresentaram entre 30 a 50 cm de espessura, é fruto de manejo do solo em atividades agrícolas.

A cerâmica associada a esse horizonte apresentou a maior variabilidade artefactual dentre os conjuntos analisados, com o uso de distintas matérias-primas e tipos de argilas e com a queima variando entre redutora e oxidante. A forma dos recipientes indicou maior esmero técnico na montagem dos vasos, com contornos compostos, carenas, flanges mesiais e o uso de apliques e apêndices modelados representando rostos humanos e animais.

Além disso, o seu emprego social foi o mais variado dentre todas as ocupações humanas pesquisadas. Foram observados assadores e raladores em cerâmica que indicaram o processamento de vetais e animais; como também recipientes associados ao armazenamento e ao cozimento. Além do emprego da cerâmica em atividades domésticas, foram observadas rodela de fusos utilizados na tecelagem e cerâmica em contextos funerários.

Figura 19 – Foto de sepultamento com acompanhamento cerâmico.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Figura 20 – Foto de fragmento de cerâmico com decoração incisa.



Fonte: BANDEIRA, A., 2013.

Horizonte ceramista Tupinambá

O Horizonte ceramista Tupinambá foi o último período de ocupação a ocorrer na Ilha de São Luís antes da chegada dos colonizadores europeus. O mesmo é dividido em dois momentos: o período Prototupi, que corresponde a um momento anterior ao contato, com os sítios ocorrendo entre os séculos XIV e XV, e o período Tupinambá, com os grupos já contatados.

O período Prototupi está bem representado na Ilha de São Luís, com os sítios distribuídos por várias bacias hidrográficas, a exemplo do Maracanã, Vinhais Velho, Santo Antônio, Araçagy, dentre outros. Ao passo que o período Tupinambá está representado por sítios em São José dos Índios, Turu e Mojó.

Tais ocupações apresentaram pacote arqueológico pouco espesso, que dificultam a obtenção de amostras para datação, com o material quase que totalmente depositado na superfície dos assentamentos. Entretanto, para a fase Tupinambá a limitação da evidência arqueológica é compensada pelos relatos dos colonizadores, a exemplo de D'Abbeville¹⁹, que registrou a existência de 27 aldeias Tupinambá apenas na Ilha de São Luís.

Esses relatos são fundamentais para se compreender o período que denominamos na arqueologia de Contato. Portanto, a documentação dos dois primeiros séculos do Maranhão amplia as possibilidades de conhecimento sobre os últimos horizontes de ocupação da região antes da colonização.

Figura 21 – Adornos labiais ou tembetás Tupinambás representados em uma gravura de Hans Staden.



Figura 22 – Foto de fragmento de cerâmica com a representação de uma rã.



¹⁹ D'ABBEVILLE, Claude. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e circunvizinhanças*. São Paulo: Siciliano, 2002.

Fonte: STADEN, H. Adornos. Gravura. 1999.²⁰

Fonte: BANDEIRA. *Ocupações...* op. cit.

Considerações finais

Datam do Holoceno Médio a expansão do ambiente marítimo-estuarino-insular e o desenvolvimento dos manguezais na Ilha de São Luís. Esse período coincide com a chegada dos primeiros povoadores da Ilha de São Luís.

Conforme demonstrado, ao longo de mais de 6 milênios de história sucessivos, povos vêm disputando o território que hoje conhecemos como Ilha de São Luís. Neste contexto, a documentação arqueológica representada pelos sítios e a cultura material vêm evidenciando uma diversidade de grupos humanos que habitaram a região.

Esses povos possuíam características socioculturais bastante diversificadas, com os diferentes grupos adaptando-se a um ambiente bastante provedor e oportuno para a presença humana em longa duração. A esse respeito, apenas os métodos da arqueologia podem oferecer suporte teórico e técnico para fazer frente a uma documentação vestigial, incompleta, e que, na maioria das vezes, é muito difícil de se acessar pelo caráter finito e não renovável do registro arqueológico.

Conforme exposto neste artigo, a história indígena da Ilha de São Luís, como em todo o Maranhão, é bem mais antiga do que os cinco séculos que correspondem à construção do Brasil. O caráter de uma sequência temporal de *longue durée* dos povos que habitaram esse território urge por uma divulgação para as amplas audiências, com base científica e estruturado em sólida construção de conhecimento no campo da arqueologia.

Apesar do caráter exótico e romântico que esse campo do conhecimento exerce na sociedade, as bases epistemológicas da disciplina já estão amplamente consolidadas. No entanto, a ressonância do fazer arqueológico demora a se desvencilhar dos grilhões da academia e alcançar o grande público, sem sensacionalismos ou com informações desencontradas, como é comum percebemos nos veículos jornalísticos.

Passados mais de 10 anos de pesquisas na Ilha de São Luís, consideramos que o conhecimento arqueológico dessa região ainda é fragmentário e cheio de lacunas, mas com grande potencial para responder questionamentos maiores, a exemplo das

²⁰ STADEN, Hans. *Hans Staden: primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1999.

amplas redes de contato entre povos amazônicos e litorâneos e as populações do Nordeste ou os possíveis mecanismos de adaptação a mudanças climáticas e suas relações com outros povos.

Além disso, a destruição acelerada dos sítios arqueológicos, além de privar as futuras geração desse bem cultural ancestral, inviabiliza futuras pesquisas, pois um sítio arqueológico impactado é uma perda para o conhecimento humano impossível de se contabilizar. Logo, é urgente que novas investigações voltem-se para a Ilha de São Luís, no intuito de se descobrir novas áreas para a pesquisa e propor outros modelos explicativos com base no pouco que já conhecemos.